

80 anos a serviço da comunicação

Data: 15/09/2002

Desde a primeira transmissão de rádio no país, nos anos 20, o móvel que, mais tarde, só figurava (com orgulho) nas salas de visitas mais ilustres da cidade por não ser um bem acessível, foi aos poucos introduzindo novos costumes, mexendo com o imaginário popular ao lançar as famosas radionovelas. Os programas de auditório fizeram história, onde se apresentavam os cantores mais populares da época. Através do rádio, se ouvia, por exemplo, as últimas notícias sobre a II Guerra Mundial, a ascensão e queda de Vargas e tantos outros acontecimentos que marcaram a história do Brasil e do mundo. Os anos 40 e 50 foram importantes não só para o rádio no Ceará, mas para a comunidade. A sociedade passou a aprender a usar melhor a voz, fascinante instrumento de entendimento entre as pessoas. Houve mudanças cíclicas na sonorização de nossas emissoras. Da velha PRE-9 à mais nova AM, o advento das FMs com som estéreo, o conceito de comunicação mudou muito. A linguagem atinge todas as camadas da população, com programas de cunho religioso, informativo, de reclamações e reivindicações, voltados para o comunitário. O surgimento das rádios comunitárias foi outro importante passo para a evolução do rádio, com uma proposta de difundir as idéias de organizações de bairros e ampliar o nível de consciência da população mais carente. Por tudo isso, o rádio ainda é um dos mais importantes meios de comunicação, levando informação, entretenimento e exercendo seu importante papel social de propagar a cultura de uma comunidade, com suas contribuições, denúncias, queixas, idéias e ampla visão da realidade que a cerca.

Adísia Sá

O rádio perdeu espaço com o advento de novos meios de comunicação?

Adísia - Assim como se pensava que o jornal morreria com o advento do rádio, se dizia que com a força da televisão o rádio desapareceria. Nada disto aconteceu. O jornal está mais vivo do que nunca, inclusive eletrônico (é a letra, se impondo) - ganhando novas roupagens, evidentemente. O rádio, também, evoluiu - 'ofertando' todos produtos do jornal e até do cinema.

O rádio é o imediatismo, o instantâneo da informação, do entretenimento, da opinião. Cabendo no bolso, na lapela, na mão - o rádio está entre nós, onde quer estejamos. E , ganhando novas dimensões espaciais e temporais com a internet, o rádio não só está entre nós: o rádio é a voz universal...

As transformações do mundo moderno, levando o rádio a buscar a atualização do setor de radiodifusão, teria deturpado seu papel social?

Adísia - Pelo contrário: hoje, mais do que nunca, o rádio solidifica o seu papel social, abrindo-se para todo cidadão, ensinando, denunciando, reivindicando. Isto sem se falar nas rádios comunitárias, cravadas no seio das comunidades, com elas absolutamente identificadas. O rádio, digo com segurança, é o mais democrático de todos os veículos

de comunicação, abrigando em suas ondas ricos e pobres, analfabetos e doutores, adultos e crianças, jovens e idosos.

De onde vem a sua fascinação pelo rádio?

Adísia - Se o jornal me levou às chamadas classes sociais mais esclarecidas, o rádio me colocou ao centro das discussões e das reivindicações e das denúncias do ouvinte em si, independentemente de seu aparato intelectual ou econômico. Foi este toque que me fascinou, me seduziu e se apossou de mim para todo o sempre. Com certeza.

Eduardo Campos

O surgimento de novas tecnologias ofuscou a atuação do rádio?

Eduardo - A tecnologia no rádio persevera em constante e surpreendente melhoria das condições de transmissão e pureza de som, fatores que, em dimensão técnica, têm contribuído bastante para o aperfeiçoamento desse tão poderoso quão democrático veículo de comunicação a serviço do homem.

Desde o seu surgimento até hoje, o que mudou no formato do rádio?

Eduardo - O rádio expandiu-se, multiplicaram-se as conquistas técnicas, mas a qualidade do gestor humano, que nele atua, no momento, não tem cumprido o aperfeiçoamento, desejado por todos, principalmente a nível das responsabilidades sociais, educacionais, políticas e culturais. O fácil acesso ao microfone, por pessoas de pouca qualificação, e a falta de consciência moral e ética dos que dirigem as emissoras, são fatores, nos últimos tempos, que prosperam causando indesejáveis prejuízos à nobre missão educativa do rádio. Infelizmente tem-se a cátedra: falta o professor.

Como começou sua trajetória no rádio e o que ele representou em sua carreira profissional?

Eduardo - O rádio, desde 1944, me deu a inefável alegria de poder repartir-me com os outros. Ao microfone, aprendi a importância da convivência, a consciência de que um homem, usando-o com dedicação, nunca se sentirá falando só. Por outro viés, o rádio me proporcionou o início de minha jornada profissional; fez-me o homem que hoje sou, cumpridor de horários e de regras de correção. O rádio tornou-me parceiro dos outros, principalmente dos anônimos, e me colocou sob a suprema ventura de servir a quem, jamais podendo falar como eu, é feliz por me ouvir. Haverá graça maior para o locutor que vive em mim?

Narcélio Limaverde

O rádio perdeu espaço?

Narcélio - A televisão em Fortaleza apareceu pela primeira vez numa experiência em circuito fechado, no final dos anos 50. A partir daí nós, radialistas da velha PRE-9, ficamos receiosos do que poderia acontecer. Com a implantação da TV Ceará, houve, então, a oportunidade de trabalharmos nela, convivendo com esse poderoso veículo de comunicação. A televisão foi inaugurada no dia 26 de novembro de 1960 e passou a ser uma nova oficina de trabalho para nós. O rádio continuou sua rotina e nós nele e na TV. De forma alguma, o rádio perdeu espaço com o advento da TV e Internet, esta chegada recentemente. O imediatismo do rádio não tem concorrente. A televisão quando quer ser rápida imita o rádio colocando como imagem slide do repórter e usando o som do telefone.

O rádio ainda é um meio de grande alcance social?

Narcélio - Sem dúvida. Eu, por exemplo, faço um programa onde o serviço é o objetivo principal, ao lado do exercício da cidadania. O rádio é um intermediário entre o ouvinte, as autoridades e serve como orientador nos problemas enfrentados pela comunidade.

Qual o papel social do rádio?

Narcélio - O rádio verdadeiro é informativo, nesta área com ajuda da Internet, do telefone celular e outros meios de comunicação. Ele que começou essencialmente musical, época de meu pai, hoje passou a ser um veículo de orientação e esclarecimento de seus ouvintes sobre os problemas mais comuns à sociedade.

O que representou o rádio em sua carreira?

Narcélio - Estou no rádio desde 54. Quando cheguei já encontrei meu pai, José Limaverde, que fazia a Hora da Saudade, ou Cousas que o Tempo Levou, com músicas antigas. Posteriormente, veio juntar-se a nós, Paulo, irmão mais novo. Grandes instantes de minha vida profissional foram vividos no rádio, tendo alcançado o momento de maior notoriedade e popularidade quando em 1980 lancei programa na Verdes Mares visitando semanalmente bairros de Fortaleza levando prestação de serviço e muita música. Mesmo ingressando na política não abandonei o rádio. Por pouco, a política não prejudica o grande ideal de minha vida, o rádio. Hoje, na AM do POVO tento continuar esse trabalho, iniciado na Verdes Mares.

Guilherme Neto

As transformações do mundo moderno, levando o rádio a buscar a atualização do setor de radiodifusão, teria deturpado seu papel social?

Guilherme - Criteriosamente dirigido, o rádio tem alcance social e, como disse, fica mais rico na fantasia e acompanha o ouvinte por toda a parte, atado ao seu corpo, ligado à sua vida, por onde quer que navegue sua vontade.

O rádio perdeu audiência para a TV?

Guilherme - Tenho a impressão de que o rádio permanece atual e atuante. Lastime-se, tão somente, a força dos veículos moderníssimos, que podem e pagam melhor seus profissionais. Sem querer criticar, hoje a televisão está revelando-se um rádio com imagem. Ao meu ver, a “vantagem” cai por terra quando todos sabem que no “mundo do rádio” a nossa imaginação enriquece. O rádio incorpora a fantasia de cada um ao que diz ver o narrador. O “campo verde” do rádio tem o seu verde no imaginário de cada ouvinte. A TV mostra o seu verde e a fantasia não tem como enriquecê-la. Sou mais pelo sonho.

O que mudou no formato do rádio?

Guilherme - Atuar junto ao público é a especialidade do Rádio. Ele pode estar em toda a parte. A programação, social e musical, é uma relação a ser estabelecida pelos que dirigem as emissoras. De “olhos cerrados”, em casa, ouvimos as mais famosas orquestras. Os sons nos alcançam e estamos satisfeitos. A nossa fantasia nos basta.
Fonte: Diário do Nordeste.